

# Marcas de Ânfora Lusitanas do Museu Municipal de Vila Franca de Xira

João Pimenta | Técnico Superior Câmara Municipal  
Vila Franca de Xira. Arqueólogo  
Museu Municipal Vila Franca de Xira.  
Mestre em Pré-História e Arqueologia  
(*pimentamarques@ol.pt*).

Henrique Mendes | Técnico Superior Câmara Municipal  
Vila Franca de Xira. Arqueólogo  
Museu Municipal Vila Franca de Xira.  
Mestrando em Arqueologia Medieval  
(*henriquecale@sapo.pt*).

Texto entregue para publicação em Fevereiro de 2014.

## Resumo

No âmbito do projecto de estudo sobre a ocupação humana no território do actual município de Vila Franca de Xira, o sector de arqueologia do Museu Municipal desenvolveu um programa de prospecções sistemáticas direccionado ao estudo da ocupação romana.

Os resultados dessa análise, a par com as primeiras campanhas de escavação nalguns dos sítios assim identificados, começam a permitir vislumbrar uma significativa ocupação destes territórios ribeirinhos desde Época Romana republicana.

Nesta fase inicial, assiste-se ao abandono de alguns povoados agrícolas pré-existentes e à clara opção por uma distinta implantação na paisagem, com um evidente objectivo de controlo da via terrestre e de algumas áreas de cariz portuário, possivelmente com a implantação de destacamentos militares, como parece suceder em dois dos sítios detectados.

A inserção deste território na *civitas* de *Olisipo* a partir do século I d.C. conduz, através da reorganização do território e parcelamento dos férteis campos das margens do rio Tejo, a uma nova lógica de aproveitamento agrário.

É nesta nova lógica que se inserem os abundantes vestígios de Época Romana que temos vindo a inventariar, correspondendo a diversas *villae* agrícolas, implantadas nos principais vales atravessados por importantes linhas de água subsidiárias do rio Tejo.

É nestes novos sítios, virados para a exploração agrícola e pecuária, que identificamos algumas marcas de ânfora de produção lusitana da forma Lusitana 3.

A sua correlação com os materiais produzidos num dos grandes centros oleiros do vale do Tejo, leva-nos a equacionar a hipótese de a olaria do Porto dos Cacos ter suprido a necessidade destes estabelecimentos em ânforas destinadas à exportação, possivelmente de vinho.

**Palavras-chave:** povoamento, *villae*, ânforas.

## Abstract

In the scope of the study project on human occupation in the territory of the present municipality of Vila Franca de Xira, the archeology sector of the Municipal Museum developed a program of systematic surveys directed to the study of Roman occupation.

The results of this analysis, along with the first excavation campaigns in some of the sites identified, begins to allow a glimpse of a significant occupation of these riverside territories from the Roman Republican era.

At this early stage, there is the abandonment of some pre-existing agricultural settlements and the clear option for a distinct deployment in the landscape, with an evident objective of controlling the land route and some port areas, possibly with the deployment of Military detachments operations, as appears to happen in two of the detected sites.

The insertion of this territory in the *Olisipo civitas* since the 1st century AD leads, through the reorganization of the territory and fertile fields splitting on the banks of the river Tagus, to a new logic of agricultural use.

It is in this new logic that the abundant Roman period finds that we have been inventorying, correspond to several homestead or *villae*, implanted in the main valleys crossed by important lines of water subsidiary of the river Tagus.

It is in these new sites, dedicated to agriculture and livestock, that we identify some of Lusitanian amphora brands of Lusitana 3 form.

Its correlation with the materials produced in one of the large pottery centers of the Tagus Valley leads us to consider the hypothesis that the pottery of the Porto dos Cacos has supplied the need for these establishments with amphorae destined for export, possibly wine.

**Key words:** settlement, *villae*, amphorae.

# Marcas de Ânfora Lusitanas do Museu Municipal de Vila Franca de Xira

João Pimenta

Técnico Superior Câmara Municipal  
Vila Franca de Xira. Arqueólogo  
Museu Municipal Vila Franca de Xira.  
Mestre em Pré-História e Arqueologia  
(*pimentamarques@ol.pt*).

Henrique Mendes

Técnico Superior Câmara Municipal  
Vila Franca de Xira. Arqueólogo  
Museu Municipal Vila Franca de Xira.  
Mestrando em Arqueologia Medieval  
(*henriquecale@sapo.pt*).

Texto entregue para publicação em Fevereiro de 2014.

## Introdução

No âmbito do projecto de estudo sobre a ocupação humana no território do actual município de Vila Franca de Xira, o sector de arqueologia do Museu Municipal desenvolveu um programa de prospecções sistemáticas direccionado ao estudo da ocupação romana.

Os resultados dessa análise espacial, a par com as primeiras campanhas de escavação nalguns dos sítios assim identificados, começam a permitir vislumbrar uma significativa ocupação destes territórios ribeirinhos desde Época Romana republicana (PIMENTA e MENDES 2012).

A inserção deste território na *civitas* de *Olisipo* a partir do século I d.C. conduz, através da reorganização do território e do parcelamento dos férteis campos das margens do rio Tejo, a uma nova lógica de aproveitamento agrário.

É nesta nova lógica que se inserem os abundantes vestígios de Época Romana que temos vindo a inventariar, correspondendo a diversas *villae* agrícolas, implantadas nos principais vales atravessados por

importantes linhas de água subsidiárias do rio Tejo. É nestes novos sítios, virados para a exploração agrícola e pecuária, que identificamos algumas marcas de ânfora de produção regional da forma Lusitana 3. Assim como um invulgar fragmento de cerâmica comum com uma marca que é conhecida do registo arqueológico, como associada às ânforas da forma Lusitana 3.

## Estação romana da Quinta do Serrado (Vila Franca de Xira)

Situada em pleno núcleo urbano da actual cidade de Vila Franca de Xira, a ocupação romana da Quinta do Serrado desenvolve-se na margem Sul da Ribeira de Santa Sofia. Trata-se de uma zona plana no sopé da ampla elevação da Costa Branca, com terrenos férteis e abundantes em água, reunindo condições propícias à implantação humana desde época recuada.

**Figura 1** – Mapa do baixo-Tejo com a localização dos sítios referidos no texto.



Os dados históricos e documentais disponíveis sobre a ocupação antiga desta área são escassos, limitando-se ao registo da implantação, a partir de Época Moderna, de algum casario nas imediações da antiga Estrada Real. Esta importante via segue aproximadamente o traçado da antiga estrada romana, entre *Felicitas Iulia Olisipo* (Lisboa) e *Praesidium Iulium Scallabis* (Santarém), como pudemos comprovar na escavação do edifício do Museu do Neo-Realismo (PIMENTA e MENDES, 2007).

Disposta fora do primitivo casco antigo da Vila Franca medieval, a área em análise terá sido urbanizada apenas em inícios do século XX, no âmbito do projecto de crescimento planeado sobre uma antiga área rural, a Quinta do Serrado.

A descoberta da existência de uma ocupação romana nesta área decorreu do acompanhamento de valas para a implantação de saneamento (PIMENTA e MENDES, 2006).

Apesar de todos os condicionalismos inerentes a uma intervenção desta natureza, o acompanhamento arqueológico realizado veio a revelar novos dados sobre a história da cidade, reforçando a importância da realização deste tipo de trabalhos.

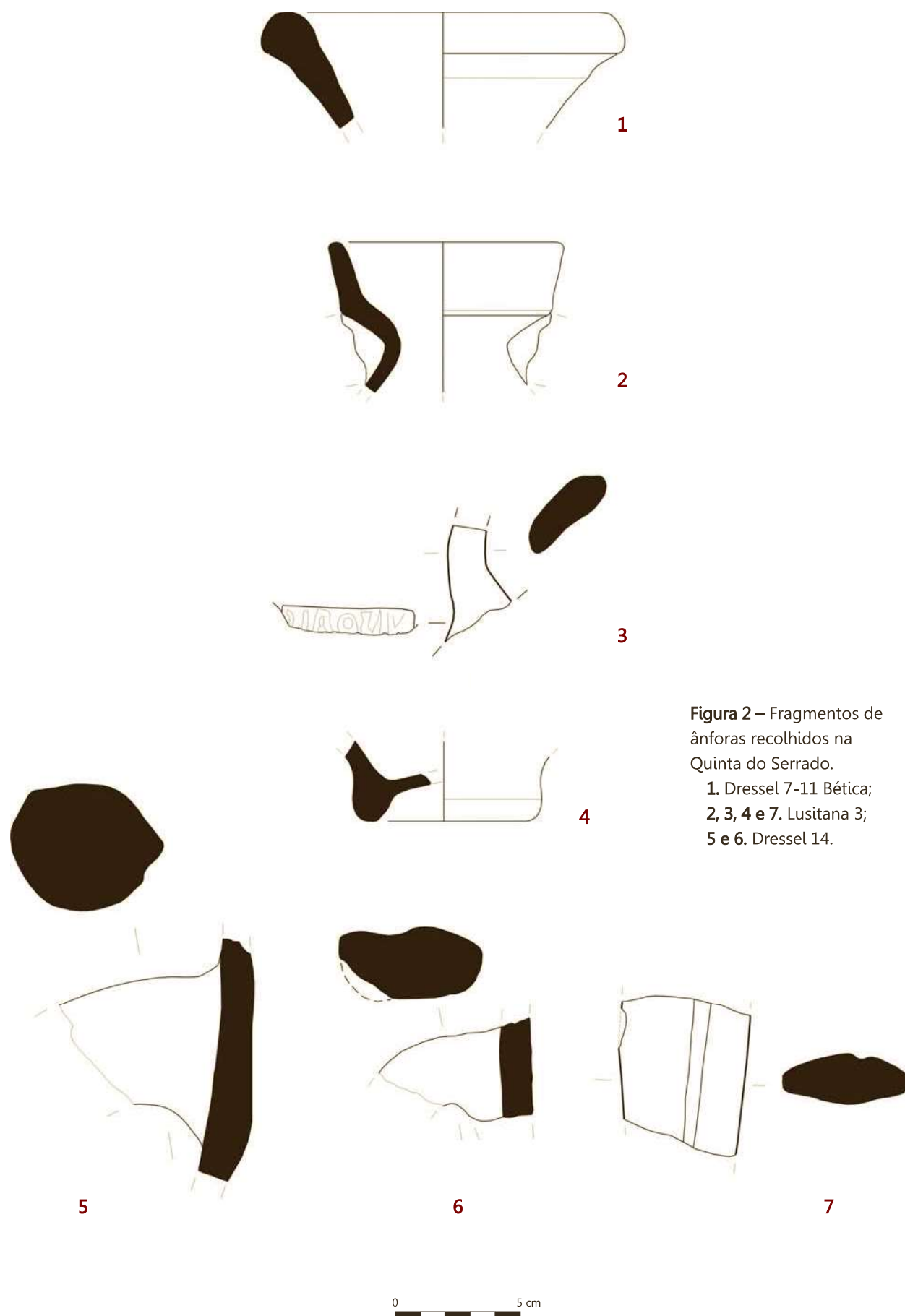
A detecção de uma estação romana no subsolo urbano coloca uma série de questões, para as quais de momento não podemos apresentar mais do que hipóteses. Que tipo de sítio é este? Estaremos, perante uma *villa* implantada perto da estrada romana, ou perante algo mais?

O estudo dos materiais aí recolhidos aponta para uma longa diacronia de ocupação, desde meados do século I d.C. até ao século V d.C. As ânforas estão bem representadas, dominando os contentores produzidos nas olarias dos vales do Tejo e do Sado (ver Fig. 2). Identificou-se em contexto de acompanhamento arqueológico um fragmento de asa de ânfora Lusitana 3 com uma marca de difícil leitura (PIMENTA e MENDES, 2006: fig. 4, n.º 3).

#### **Quinta da Marquesa I (Castanheira do Ribatejo)**

A ocupação romana da Quinta da Marquesa desenvolve-se num extenso terraço quaternário de pendentes suaves, sem quaisquer condições naturais de defesa e com uma excelente visibilidade para o actual curso do rio Tejo.

No decorrer de trabalhos de prospecção deparámo-nos, no sopé do morro onde se ergue o povoado fortificado de Monte dos Castelinhos, junto ao antigo edificado setecentista da Quinta da Marquesa, com remeximentos profundos do terreno. Esta obra da responsabilidade da EPAL prendia-se com a duplica-



**Figura 2** – Fragmentos de ânforas recolhidos na Quinta do Serrado.

- 1. Dressel 7-11 Bética;
- 2, 3, 4 e 7. Lusitana 3;
- 5 e 6. Dressel 14.

ção do Adutor de Castelo do Bode entre a Quinta da Marquesa e a Central Elevatória de Vila Franca de Xira, efectuada infelizmente sem o devido acompanhamento arqueológico neste primeiro troço.

Apesar da área já ter sido alvo de anteriores trabalhos relacionados com o primeiro adutor, a implantação paralela a este de outro aqueduto levou infelizmente à destruição de realidades patrimoniais. Face ao facto consumado de a obra já estar concluída, informámos as entidades competentes à data, o então Instituto Português de Arqueologia, e iniciámos uma prospecção intensiva com um novo enquadramento. Este tinha agora como objectivo tentar assinalar cartograficamente as áreas de maior dispersão de materiais cerâmicos, com o intuito de tentar extrapolar as dimensões da estação e aferir o seu estado de conservação.

No decurso dos levantamentos efectuados deparámo-nos com a presença de uma grande dispersão de materiais cerâmicos de cronologia romana, alguns deles bem preservados, com destaque para a presença de fragmentos de ânforas de produção lusitana, em particular da forma Lusitana 3 (ver Fig. 3).

O material de construção era particularmente abundante, destacando-se a presença de diversos blocos de argila refractária, indicadores da presença de estruturas de combustão.

As evidências assim recolhidas levam-nos a supor poderemos estar perante uma área industrial do povoado de Monte dos Castelinhos, que seria de todo o interesse conhecer para a interpretação global do sítio.

### Quinta da Barradinha (Alenquer)

O sítio romano da Quinta da Barradinha localiza-se numa colina suave da margem direita do rio de Alenquer, a cerca de 2,5 km da importante estação arqueológica de Paredes-Quinta do Bravo.

Apesar de nunca terem sido realizados trabalhos arqueológicos sistemáticos, parece corresponder a uma importante *villa* romana, com uma lata diacronia de ocupação (ALARCÃO, 1988; SILVA, 2012).

As primeiras referências ao sítio remontam a meados do século XIX, quando Bento Pereira do Carmo deu a conhecer a sua relevância, mencionando a presença

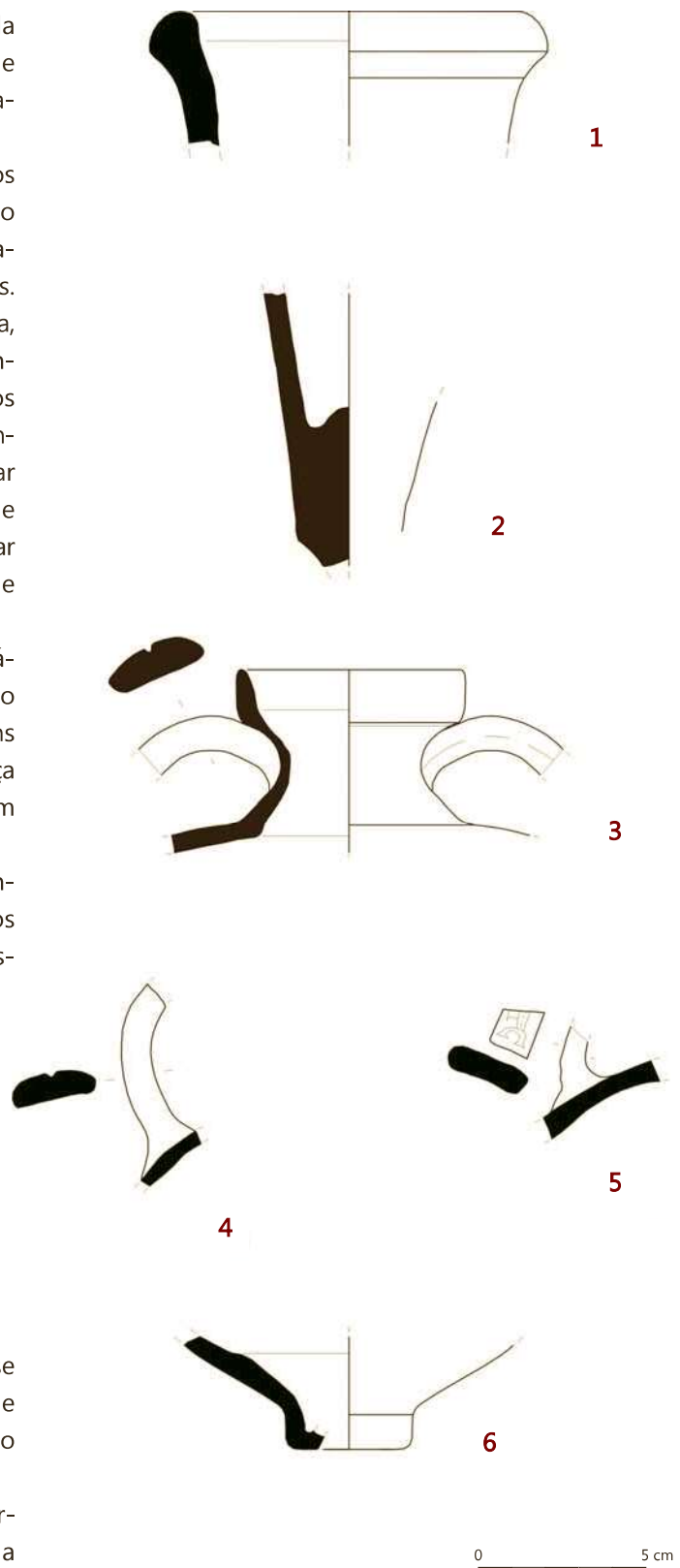


Figura 3 – Fragmentos de ânforas recolhidos na Quinta do Marquesa I.

1 e 2. Dressel 14;  
3 a 6. Lusitana 3.

de “lanços de parede subterrâneos, e grandíssima quantidade de telhas e tijolos de tamanho descomunal”, e a recolha de numismas de Trajano, Adriano e Antonino Pio (COSTA, 2010: 122).

Em meados dos anos trinta do século passado, Rui Serpa Pinto refere a existência de importantes mosaicos romanos provenientes desta estação (SERPA PINTO, 1934: 170). Infelizmente o seu paradeiro é hoje em dia desconhecido.

Jorge de Alarcão, no levantamento de inventário das estações de Época Romana apenso ao volume *Roman Portugal*, adiciona a esta informação a existência de uma necrópole de inumação (ALARCÃO, 1988: 118).

**Figura 4** – Fragmentos de ânforas recolhidos na Quinta da Barradinha.

- 1 a 3. Dressel 14;
- 4. Almagro 50;
- 5 a 7: Lusitana 3;
- 8. Alguidar em cerâmica comum.

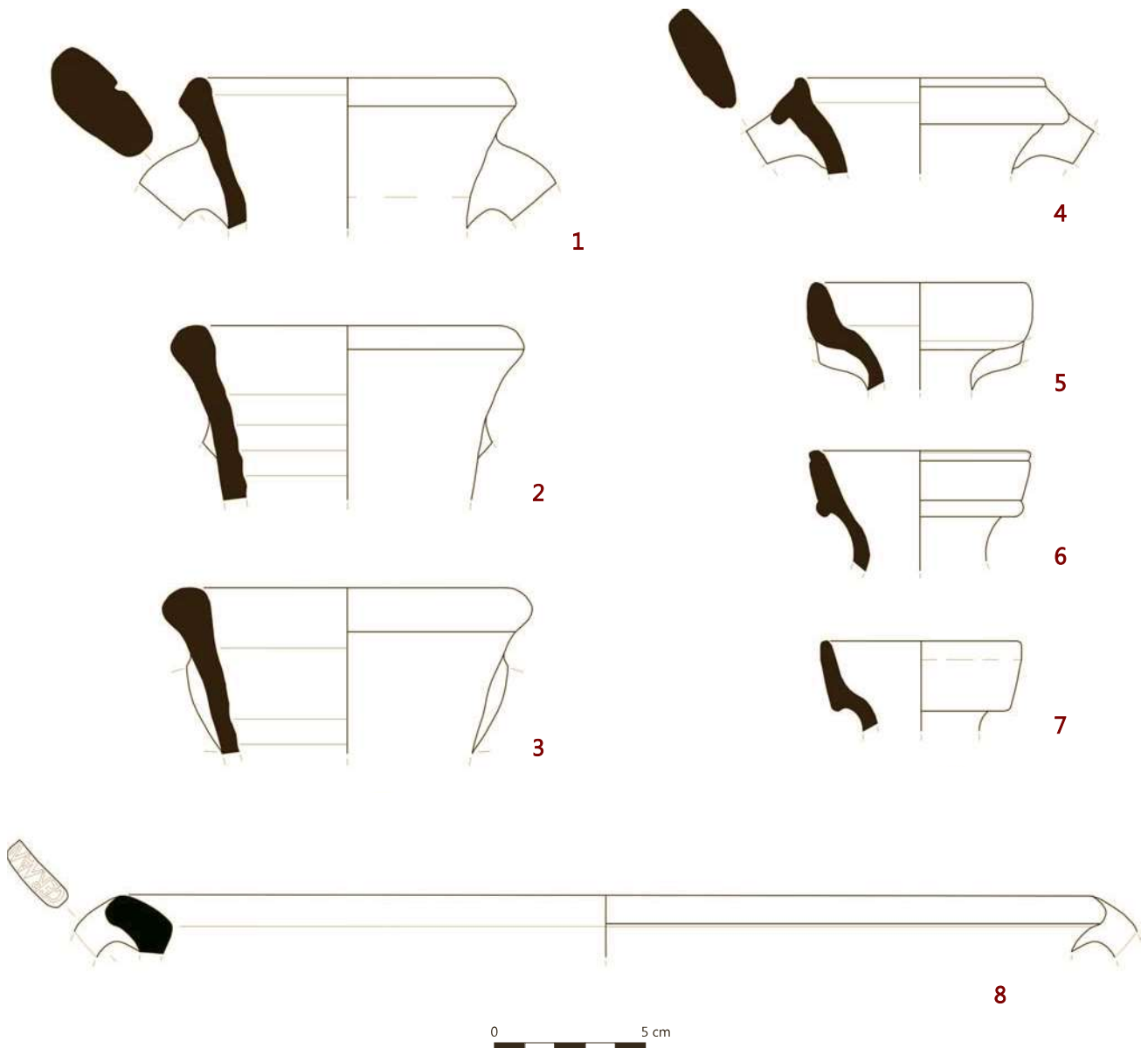




Figura 5 –

1. Fragmentos de alguidar em cerâmica comum da Quinta da Barradinha;
2. Alguidar em cerâmica comum proveniente de Porto dos Cacos (segundo RAPOSO e DUARTE, 1996: 264, n.º 6 - modificado).

Posteriormente, Vasco Mantas no âmbito de estudos viários na área de Torres Vedras, refere a existência no aro deste sítio de um miliário romano onde se leria o nome de um Imperador da dinastia dos flávios (MANTAS, 2000: 17).

No Museu Hipólito Cabaço, em Alenquer, encontra-se depositada uma significativa colecção de cerâmicas e metais com esta proveniência, incluindo duas marcas de ânfora Dressel 20, assim como fragmentos de ânfora da forma Dressel 14, Lusitana 3 e Almagro 51C.

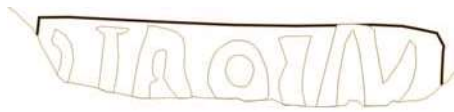
Rodrigo Banha da Silva, no âmbito da sua Tese de Doutoramento, estudou o conjunto de *terra sigillata*, referindo que “[...] as recolhas sugerem um lapso temporal longo de ocupação do sítio, pelo menos cobrindo os séculos I e IV d.C.” (SILVA, 2012: 511). O conjunto das ânforas desta colecção encontra-se em fase de estudo por um dos signatários, em colaboração com Rui Almeida (ver Fig. 4).

Proveniente desta estação, encontra-se depositado no Museu de Vila Franca de Xira um curioso fragmento de bocal de alguidar em cerâmica comum evidenciando a marca *Germani*, gravada sobre o lábio. Os dados disponíveis permitem atribuir uma proveniência concreta a esta marca, relacionando-a com o centro de produção oleira do Porto dos Cacos (Alcochete), on-

de esta marca e este mesmo cunho surge abundantemente atestado sobre a forma de ânfora Lusitana 3 (GUERRA, 1996) (ver Fig. 5).

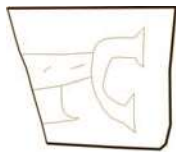
Não deixa de ser pertinente sublinhar que a forma de alguidar recolhido na *villa* da Quinta da Barradinha encontra um paralelo exacto entre o conjunto de cerâmica comum produzida no centro oleiro do Porto dos Cacos (RAPOSO e DUARTE, 1996).

A correlação desta com os materiais produzidos num dos grandes centros oleiros do vale do Tejo leva-nos a equacionar a hipótese de a olaria do Porto dos Cacos ter suprido a necessidade destes estabelecimentos em ânforas. ■



1

0 1,5 cm



0 1,5 cm

2



3

0 1,5 cm



## Catálogo

### 1. L.TROIAN

Ânfora Lusitana 3

Zona de produção: Lusitânia, Vales do Tejo/Sado

Leitura: L(...) TROIAN(i)

Local de recolha: Vila Franca de Xira; Travessa do Mercado 06

Local de depósito: reservas do Museu Municipal Vila Franca de Xira

Contexto: UE [9]

Posição: *in ansa*

Pasta: homogénea, com presença de elementos não plásticos de pequena e média dimensão. Distribuição regular de quartzo, calcite, elementos de cerâmica moída e micas de pequena dimensão. Cozedura oxidante. Pasta de cor laranja (Munsell 5YR 6/6).

Bibliografia: PIMENTA e MENDES, 2006

### 2. [...] IC

Ânfora Lusitana 3

Zona de produção: Lusitânia

Leitura: [...] IC

Local de recolha: Vila Franca de Xira; Quinta da Marquesa 08

Local de depósito: reservas do Museu Municipal Vila Franca de Xira

Contexto: recolha de superfície

Posição: *in ansa*

Pasta: homogénea, com presença de elementos não plásticos de pequena e média dimensão. Distribuição regular de quartzo, calcite, elementos de cerâmica moída e micas de pequena dimensão. Cozedura oxidante. Pasta de cor vermelha clara (Munsell 2.5YR 7/8).

Bibliografia: inédita

### 3. GERMANI

Cerâmica comum - "alguidar"

Zona de produção: Lusitânia

Leitura: GERMANI

Local de recolha: Alenquer; Quinta da Barradinha 09

Local de depósito: reservas do Museu Municipal Vila Franca de Xira

Contexto: recolha de superfície

Posição: *in ansa*

Pasta: heterogénea, com abundantes elementos não plásticos de pequena e média dimensão, constituídos por quartzos, calcite, elementos de cerâmica moída e micas de pequena dimensão. Cozedura oxidante. Pasta de cor vermelha amarelada (Munsell 7.5YR 8/6).

Bibliografia: inédita.

## Bibliografia

- ALARCÃO, J. (1988) – *Roman Portugal*. Warminster: Aris & Phillips LTD. Volume II. Fasc. 2 - Coimbra & Lisboa.
- COSTA, Miguel Cipriano Esteves (2010) – *Redes Viárias de Alenquer e Suas Dinâmicas: um estudo de arqueogeografia*. Dissertação de mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Policopiado.
- FABIÃO, C. e GUERRA, A. (2004) – “Epigrafia Anfórica Lusitana. Uma perspectiva”. In REMESAL RODRÍGUEZ, J. (eds.). *Epigrafía Anfórica. Proyecto Amphorae*. Barcelona: Universitat de Barcelona, pp. 221-244 (*Col·lecció Instrumenta*, 17).
- GUERRA, A. (1996) – “Marcas de Ânfora Provenientes do Porto dos Cacos (Alcochete)”. In FILIPE, Graça e RAPOSO, Jorge (eds.). *Actas das Primeiras Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa: Publicações D. Quixote / Câmara Municipal do Seixal, pp. 372-390.
- MANTAS, V. (2000) – “A Rede Viária Romana e Medieval da Região de Torres Vedras”. *Turres Veteras*. Câmara Municipal de Torres Vedras. I - Actas de História Medieval.
- PIMENTA, J. e MENDES, H. (2006) – “Ocupação Romana no Subsolo da Travessa do Mercado (Vila Franca de Xira)”. *Al-Madan Online*. 2.ª Série. 14. Em linha. Disponível em [http://issuu.com/almadan/docs/almadan\\_online\\_14](http://issuu.com/almadan/docs/almadan_online_14).
- PIMENTA, J. e MENDES, H. (2007) – “A Escavação de um Troço da Estrada Romana *Olisipo-Scalabbis*, em Vila Franca de Xira”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10 (2): 189-228.
- PIMENTA, J. e MENDES, H. (2012) – “Sobre o Povoamento Romano ao Longo da Via de *Olisipo* a *Scalabis*”. *Cira Arqueologia*. 1 (Actas da Mesa Redonda de *Olisipo* a *Scalabis*. A rede viária romana no vale do Tejo, Vila Franca de Xira). Em linha. Disponível em [http://issuu.com/cmvmfx/docs/ciraarqueologia\\_01\\_jun12](http://issuu.com/cmvmfx/docs/ciraarqueologia_01_jun12).
- PIMENTA, J.; MENDES, H. e NORTON, J. (2008) – “O Povoado Tardo-Republicano do Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira”. *Al-Madan*. Almada. II Série. 16: 26-37.
- RAPOSO, J. M. e DUARTE, A. L. (1996) – “O Forno 2 do Porto dos Cacos (Alcochete)”. In FILIPE, Graça e RAPOSO, Jorge (eds.). *Actas das Primeiras Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa: Publicações D. Quixote / Câmara Municipal do Seixal, pp. 249-266.
- SERPA PINTO, R. (1937) – “Inventário dos Mosaicos Romanos de Portugal”. *Anuario del Cuerpo Facultativo de Archiveros, Bibliotecarios y Archeologos*. 1: 161-191.
- SILVA, R. B. (2012) – *As “Marcas de Oleiro” na Terra Sigillata e a Circulação dos Vasos na Península de Lisboa*. Dissertação para a obtenção do Grau de Doutoramento em História, especialidade em Arqueologia. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Versão Policopiada.